

Zeitgeist, o espírito do tempo

» OTÁVIO RÉGO BARROS

General de Divisão da Reserva, ex-chefe do Centro de Comunicação Social do Exército

O conceito de Zeitgeist — espírito do tempo — teve origem na intelectualidade alemã. Basicamente se revela quando os atos e omissões da sociedade se ajustam às vagas da opinião que se forma em um determinado momento. As pessoas refletem sobre os acontecimentos anteriores e, quando esses acontecimentos parecem lhes dizer respeito, muitas vezes tentam, consciente ou inconscientemente, projetar e ajustar seu comportamento de modo a atingir ou a evitar um resultado comparável. Em face das disputas eleitorais, estamos refletindo um espírito do tempo que não está encaixado com a realidade nacional e internacional. Naturalmente, a sociedade brasileira passará por solavancos poderosos — choro e ranger de dentes — até a finalização da corrida eleitoral. Os interesses pessoais e grupais já demonstram essa linha de agressividade.

Os candidatos mais próximos a tomarem assento no Planalto estão usando uma polaridade exacerbada, que se estabeleceu por ausência de terceiros, para manter o caldeirão de emoções em fervura elevada. Todavia, acreditar que existem condições de golpes armados ou institucionais à semelhança daqueles desencadeados em meados do século passado é observar o cenário com antolhos.

Quando um país é parte de uma comunidade ideológica internacional onde a democracia é quase incontestada na sua essência, sendo usada inclusive como muleta a partidos autoritários para chegada ao poder, as chances de esse país subverter os princípios que ela defende são menores. Quando se somam à influência ideológica, as necessidades econômicas, tecnológicas, militares, migratórias, psicossociais,

ambientais etc., amalgamadas em interesses geopolíticos históricos de países hegemônicos, praticamente elas desaparecem.

Voltando ao Brasil. Discursos de campanha são inspiradoras de seguidores e tentativas de mudança de opinião a indecisos e até a adversários. Podem não ter substância, serem chulos, despreocupados com a realidade do país e até instigarem violência. Podem ser desconcertantes perante outros países, alvo de escárnio interno e não oferecerem soluções a desafios prementes. Mas eles só se transformarão em instrumentos de conturbação social se a sociedade aceitar ser empurrada para o precipício da confrontação. Se as Instituições demonstrarem flacidez em suas respostas corretivas. Se organizações que lidam com a segurança e defesa em nome do Estado abdicarem de seus papéis de ferramenta da estabilidade e legalidade constitucionais.

A sociedade, ainda que dividida, não parece querer marchar como gado para o corredor do abate. As instituições, ainda que sofrendo ataques diários, não parecem querer a briga de rua insequente. As forças de segurança e defesa, ainda que pressionadas, não parecem querer trilhar um caminho de aventuras como no passado. A imprensa também se faz vigilante, a academia se faz vigilante, o PIB se faz vigilante, a Igreja se faz vigilante, muitos estão vigilantes.

A opção de governos militares em diversos círculos de opinião, perseguida por muitos países no último século, contribuiu para uma profunda revalorização da democracia não apenas como um instrumento tático de poder, mas como um valor espiritual em si. As Forças Armadas

brasileiras, seus comandantes e seus quadros acompanharam institucionalmente esse movimento. A guerra fria, como justificativa para agrupamentos de países em torno das duas potências, ficou pelo caminho.

Trinta anos após o “fim da história”, o que se vê são movimentos mais amplos de reacomodação dos interesses geopolíticos com base em reafirmação de preeminências pretéritas. Estados Unidos, China, União Europeia e Rússia, os hegemônicos, seguidos por potências com interesses regionais como o Japão, a Índia, a Austrália, o Irã, a África do Sul e o próprio Brasil se ajustam ao novo ritmo.

O espírito do tempo não parece estar alinhado com fricções que levem a derrubadas ou tomadas de poder semelhantes àquele período bipolar. O comunismo era uma experiência nova que na opinião de muitos mostrava-se altamente promissora. Faliu. O fascismo, com suas manifestações nacionalistas, chegou a ser elogiado pelos Estados Unidos. Faliu. Alguém pode afirmar que um fascismo com cores modernas está se assumindo como contraponto à democracia. Talvez. Mas qual o Zeitgeist para que ele se torne verdadeiramente ameaçador? Dificilmente as lideranças dos países “donos do mundo” gastarão energia para intervir no quintal de outro bloco.

Mas certamente estarão dispostas a arcar com o ônus dessa ação se lhes for tentado tirar o espaço de proteção geográfico vital ao seu povo e a seus aliados mais próximos. Portanto, a Sociedade (lato sensu) atenta não será levada a cadafalso. E as lideranças que buscam a instabilidade em benefício de um projeto patrimonialista, muita atenção. Cada um no seu quadrado. Paz e bem.



G O M E Z

O alto valor dos profissionais da saúde

» CLAUDIA MORGENTAL

Diretora de RH da Medtronic no Brasil

Com a pandemia, todos os setores demandaram dos profissionais a capacidade de tomar decisões rápidas e assertivas. Na área da tecnologia da saúde não foi diferente. Foi um período conturbado, que exigiu uma movimentação e adaptações inesperadas para que as companhias conduzissem os negócios e suas decisões visando o mínimo possível de perdas. E nessa movimentação, RH e gestores se uniram para mitigar riscos, encontrar soluções de apoio a distância e fomento à produtividade, em um contexto de incerteza que ninguém podia controlar.

Aprendemos muito. Encontramos uma fórmula exata? Não. Mas ter profissionais talentosos, com conhecimento em áreas diversas, habilidade de conexão e colaboração, resilientes, capazes de enxergar riscos futuros, nos permitiu enfrentar os desafios de forma bastante assertiva no período. Essa fase nos ajudou a confirmar e reforçar a importância de um ambiente de aprendizado e estrutura de treinamento. Consideramos investimentos em treinamentos buscando diferentes formas e ferramentas. Reforçamos que o desenvolvimento não se restringe ao core do negócio, mas também sobre novas competências e conhecimentos que nos levem para o futuro.

Ao buscarmos profissionais no mercado,

também sabemos da importância de contribuir para a formação deles. Num ambiente competitivo, com carência da mão de obra qualificada devido ao rápido avanço das tecnologias e mudanças de exigências, entendemos nosso dever em disseminar conhecimento na área da saúde. Concomitantemente a isso, os profissionais têm cada vez mais condições de escolherem a corporação mais alinhada com os valores que representam.

Nos processos seletivos, é frequente sermos questionados sobre ações sociais, cultura, diversidade, inclusão e carreira. É nosso dever investir em infraestrutura para que eles possam desenvolver as tarefas com total orientação das etapas e se sintam seguros, tendo cada vez mais autonomia. Por isso, contamos com softwares de gestão, de treinamento e planos de carreira individuais (que são customizados considerando as peculiaridades de cada perfil e objetivo).

Conduzir projetos que podem salvar ou melhorar a vida das pessoas tornam o profissional da saúde extremamente exigentes consigo mesmos. O compromisso com a missão da empresa leva a altos níveis de entrega. Assim, garantir recursos, apoio, segurança e um bom ambiente é fundamental e um compromisso do RH e da liderança para com nossos profissionais da tecnologia da saúde.

Essa movimentação interna gerou um cenário curioso: o interesse dos colaboradores antigos em retornar para a corporação. É uma movimentação recorrente na empresa, e para o RH não há nada mais gratificante do que ver um profissional que passou por outras organizações reconhecer que o atual ambiente corporativo é o mais promissor para o seu desenvolvimento.

Independentemente do setor, cuidar dos nossos profissionais e trazer insights que contribuam para a ascensão de cada um deve ser prioridade. Nesse período de alta das cirurgias eletivas, o mercado busca por colaboradores com uma visão mais holística para acabar com ineficiências e trazer agilidade nos processos que impactem em melhoria hospitalar, sem interferir na qualidade da saúde do paciente.

A era das cirurgias minimamente invasivas, que são mais seguras para o paciente, também vive um boom. Profissionais especializados nessa área se destacaram no setor. Cuidar dos funcionários não é nenhum diferencial, é a obrigação de todas as companhias. No entanto, diante de um setor tão delicado, que lida com a saúde das pessoas, temos que ir além. Amanhã ou depois, a entrega deles pode ser a responsável por salvar a nossa vida ou a daqueles que amamos.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Meu caro Brasil

Numa República, que faça jus ao nome e objetive a universalização do bem público, não caberia, por razões óbvias e éticas, a existência de cargos e outras sinecuras no serviço público, do tipo vitalício. O próprio sentido da vitaliciedade desconfigura a República, naquilo que ela possui de mais característico, que é a impessoalidade e o interesse comum.

Ao assenhorear-se de um cargo vitalício, todo e qualquer indivíduo, entra para um mundo onde as leis naturais, que regem outros homens, não têm mais sentido. Nesse ambiente, distante anos-luz de qualquer sentido republicano, o tempo cuida de amalgamar o cargo, a função e o indivíduo, transmutando tudo num só elemento, em que não é possível separar e distinguir sujeito e objeto. O cargo e a função vitalícia representam não só o antípoda da República, como cuida de desmaterializá-lo, desmoralizando-o frente a sociedade.

Ao transplantar esse modelo próprio da antiga monarquia para a República, o que o instituto da vitaliciedade conseguiu foi a contaminação da correta e isenta prestação dos serviços públicos, com elementos personalistas, distantes, pois, dos interesses dos cidadãos. Ao mesmo tempo em que se afasta das necessidades dos cidadãos e da ética pública, a vitaliciedade faz da máquina pública um mecanismo a serviço das elites.

Para além de servir como instrumento de impunidade para aqueles que eternamente ocupam esses cargos, a vitaliciedade cria, aos olhos de todos, cidadãos de primeira e de segunda classe, uma casta de privilegiados, protegidos e blindados pelo manto de intocabilidade, livres de quaisquer punições, mesmo que cometam crimes não condizentes com o cargo que ocupam.

Quando apanhados em crimes e delitos de grande repercussão, dos quais os cidadãos comuns jamais se livrariam, esses eternos senhores são punidos com aposentadoria compulsória, recebendo salário integral e outras prebendas como reparação a expulsão do paraíso. Muitos são os escândalos ocorridos nesses postos, poucas as punições e nenhuma iniciativa para pôr fim a esses privilégios, uma vez que contribuem, direta ou indiretamente, para dar cobertura aos mal feitos das elites.

A vitaliciedade de uns acoberta e protege a de outros, e todos vivem felizes para sempre nessa terra do nunca, onde há os cargos vitalícios. As razões de tanta felicidade são sabidas: todos esses cargos levam o contemplado a uma espécie de paraíso na Terra, onde as mordomias são infinitas, as obrigações são poucas e os castigos não acontecem. De vitalício para uma República bastaria a ética.

» A frase que foi pronunciada

“Em tudo há esperança: a luz no fim do túnel e a água fresca no fundo do poço.”

Filósofo de Mondubim

INSS

» Mais um sinal de que a burocracia é a maior prova da falta de contrapartida dos impostos pagos durante toda uma vida. Aposentados que viveram a transição entre o analógico e o digital, o papel e a internet, sofrem com as exigências do INSS. Sem contar o tempo para atendimento, que é astronômico, enviar os documentos por um portal amigável seria o mínimo de consideração, e o atendimento com finalização presencial seria o maior sinal de respeito. Outra opção é o número 135.

Sem atendimento

» Jovem que é o presidente Guilherme Gastaldello Pinheiro Serrano, do INSS, poderia se passar por um cidadão comum que disca para o 135 com o objetivo de saber (mesmo que ele saiba) como se adquire a Declaração para fins de Obtenção de Benefício, um item da lista de exigências.

Trumbicados

» Um avanço possível, em pleno século 21, seria o cruzamento de informações entre Receita Federal, GDF, empregadores, INSS, FGTS. Parece que ninguém se conversa.

Enigma

» Tem gente até agora tentando compreender o primeiro semáforo da L2 no sentido norte/sul. A seta que está sempre seguida do sinal vermelho geral. Melhor seria liberar a faixa da direita e os pedestres e ciclistas ficarem atentos, como é no Lago Sul, depois do Gilberto Salomão.

Lei seca

» Andar por várias regiões administrativas de madrugada e acompanhar as ocorrências leva a crer que a instituição da Lei Seca aliviaria sobremaneira os gastos do governo para atendimento de chamados pelos Bombeiros e policiais. Todas as vezes que a PM trabalha a noite, em regiões administrativas mais violentas, o índice de ocorrências diminui.

» História de Brasília

Está na hora de a TCB pedir à Assessoria de Planejamento o desenho para um poste que determine os pontos de ônibus. Escrever no asfalto não é prático nem funcional. (Publicada em 8/3/1962)